



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

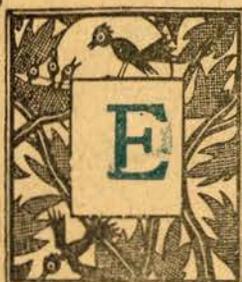
O SECULO

DE SANTA
RITA

A PASTORINHA EDUCADA

Por A. RETORTA

Desenhos de CASTANÉ



RAM três horas de um lindo dia de verão. Pela extensa propriedade de Monte Belo atravessavam dois homens, um o proprietário, Nuno de

Figueiredo, ra-

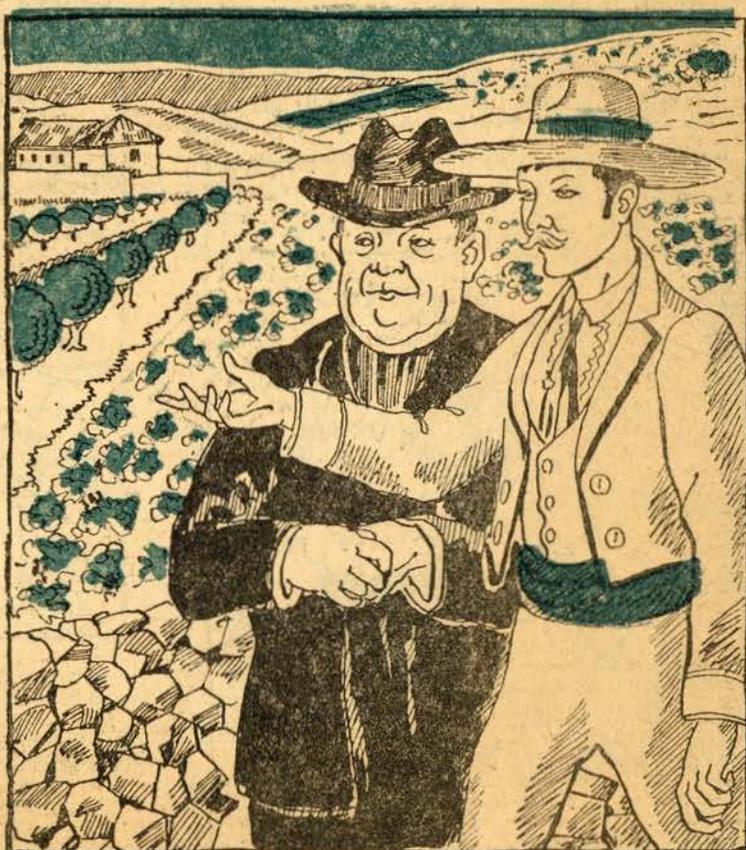
paz elegante, alto e delgado, olhos castanhos e um fino bigode louro escuro, e o outro o bom padre José, baixo, anafado, e com uma papada opulenta, a formar-lhe, por baixo do rosto escambrado, um queixo mais arredondado e mais mole.

Nesse dia tinha o fidalgo recebido convite do padre José, seu companheiro inseparável, para ir com êle a uma propriedade que lhe pertencia, tendo-lhe este aconselhado a que levasse a espingarda e o perdigueiro porque costumava lá aparecer alguma perdiz desgarrada.

— «Vamos, hein?» E seguiram alegremente pela estrada fóra. Caminhavam talvez há meia hora, quando ouviram gritos aflitivos. Os dois homens impressionados, desceram a uma pequena encosta donde provinham os lamentos e depararam com uma garota franzina, muito feia, que contorcia as mãos dolorosamente.

— «Então que é isso, pequena, porque te afliges assim?»

E ela, entre soluços, contou que uma das ca-



bras que guardava, lhe desaparecera e não havia forma de a encontrar. Quem havia de aturar agora a madrasta?! Matava-a com pancada, de certeza. E novamente irrompia num choro aflitivo que fazia dó.

(Continua na pag. 4)



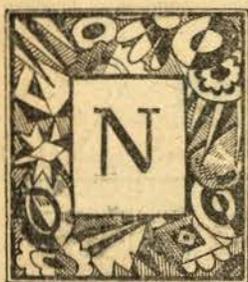
RECOMPENSA DO BEM E CASTIGO DO MAL

Por Z A - S O U

Desenhos de CASTANÉ

UMA pequena povoação, onde o brilhante facho do Progresso não tinha ainda irradiado, razão porque não havia, ali, sequer, ensino primário, as crianças, que dele careciam, viam-se forçadas a freqüentar a escola da próxima vila que distava dois quilômetros.

Ora entre os alunos que todos os dias para lá seguiam, havia dois irmãos, Narcizo e Jacinto, que eram dotados da melhor índole e de belos instintos. Junto da casa destes,

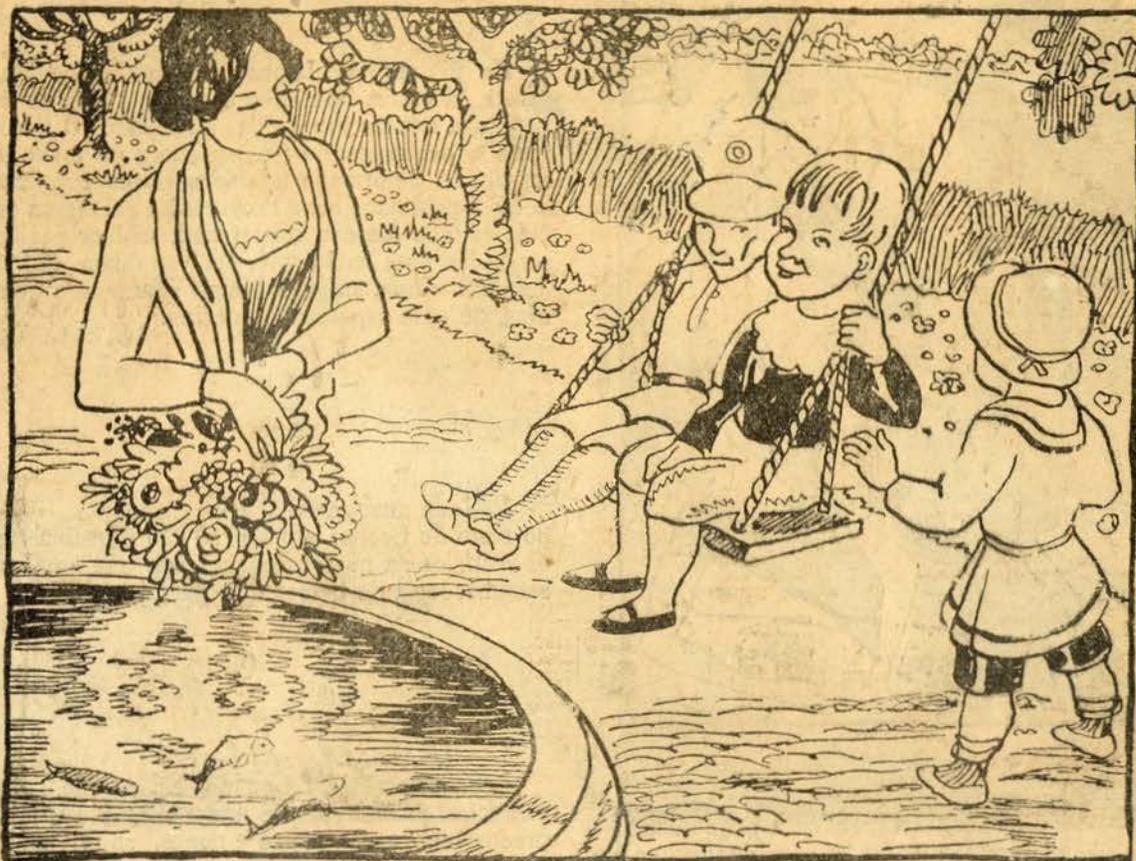


ali porta com porta, havia outro rapaz que, por ser vizinho, seguia também com eles.

Mas este tal vizinho que se chamava Roberto, era em demazia turbulento e endiabrado. Assim, pois, os três seguiam todos os dias estrada fóra:

Em alegre brincadeira,
Bastante própria da idade,
Não se notando cansada
Nesta infantil sociedade.

E lá iam, a caminho,
Seguindo os três para a escola;
Com o lanche no cestinho
E os livrinhos na sacola.



Num certo dia, caminhando assim juntos, notou o Roberto que num cerrado, à beira da estrada, estava uma fila de cortiços ou sejam colmeias e logo lhe ocorreu assaltá-los. Então, voltando-se para os companheiros, exclamou: — «Oh, rapazes!... Vocês não vêem, acolá, aqueles cortiços?!... Ali é que a gente enchia a barriga de mel! que Vamos lá, vamos lá!...»

Porém, os dois irmãos, mais atilados, retorquiram: — «Olha, se tu queres ir, vai, que nós não vamos. Já se vai fazendo tarde para entrarmos na escola; além de que pode aparecer o dono e dar-nos uma sova».

— «Pois, então, vou sózinho — (objectou Roberto — e agora é que eu vou encher a barriguinha de mel».

Entanto, os companheiros abandonando-o, seguiram estrada fóra.

Èle, então, saltando, leve,
Uma sebe de caniços,
Assim chega, muito em breve,
Mesmo junto dos cortiços.

Mas, entre mil aflições,
Logo sentiu que as abelhas
Lhe espetavam os ferrões
No pescoço e nas orelhas.

Sentindo horribes dores, correu desordenadamente para casa, onde chegou bastante desfigurado em virtude de ter ficado com o rosto cheio de entumescências. A pobre mãe, aflitíssima, tratou imediatamente de o socorrer, tentando atenuar-lhe tão doloroso sofrimento.

Como já disse, os dois irmãos seguiram estrada fóra, deparando com uma velhinha que, na margem da estrada, estava descansando à sombra duma oliveira.

Um dos irmãos disse, então, para o outro;

— «Vês aquela velhinha?! Parece-me que está cheia de fome. Vamos dar-lhe um pouco do nosso lanche?!»

Como o irmão prontamente concordasse, aprox maram-s da velhinha e com ela repartiram o que levavam.

Estando ao portão duma linda quinta a própria dona, que havia presenciado tão humanitária acção, chamou os dois pequenitos e, carinhosamente, os interrogou:

— «Então, os meus meninos estiveram repartindo o vosso lanche com aquela velhinha?!»

— «Sim, minha senhora, — (respondeu o mais desembaraçado). — Olhe... o Jacinto deu-lhe metade dum queijo e eu dei-lhe um pedaço de pão e uma maçã.»

Vendo esta senhora a alma bem formada destas crianças, extremamente comovida, retorquiu-lhes: — «Agora teem que me dar os cestinhos para os abastecer, pois não quero que vão sofrer a falta do que deram, quando mereadarem.»

E, daí a nada, voltou com os cestinhos repletos de fruta, queijo, ovos, pão, etc., rogando-lhes que, de volta da escola, viessem por lá, a-fim-de levarem à mãe qualquer coisa que ela lhe destinava.

Quási tôdas as tardes é frequente, agora, verem-se ali, na bela propriedade, de regresso da escola, os dois pequenitos brincando com o filho da dona da quinta, em diversões próprias da sua idade, tais como: — andar de baloiço, ver os peixinhos no lago, admirar a plumagem do pavão e várias outras distracções, regressando a casa sempre cheios da maior satisfação, prêmio obtido pela sua exemplar conduta.

Assim nesta história simples e desataviada, deverão ver, principalmente as crianças, as consequências dos bons e dos maus procedimentos e meditarem

Neste rifão, bem atentos,
Pois que só contém verdades:

.....
— «Os que semeárem ventos,
Hão-de colher tempestades!»



— «Não tens pai?»

— «Não senhor,—(respondeu a pequenina,)— vivo só com a minha madrastra, que, depois que éle morreu, me moi com pancadas e pouco me dá de comer».

Nuno aproximou-se mais da garota, e disse-lhe: — Queres tu vir comigo? Eu tenho uma casa, uma quinta, e também muitas cabras para guardar. Queres?»

O padre aprovou ruidosamente: — «Bravo! soberba idéa! Arranja uma criadinha, e há-de tratá-la bem, que eu sei».

A garota estacara numa trégua de choro, os olhos muito abertos. O padre puxou-lhe por um braço: — «Vamos, anda, êste senhor é um amigo e vais ver como te trata bem».

Embora moido de andar por caminho tão fatigante, Nuno não lograva conciliar o sono. Pensava na rapariguinha e repugnava-lhe pô-la como criada. Deixava-se arrastar pelo seu coração, pelas sugestões da compaixão, e ali estava atropalhado sem saber o que fazer da órfã. Mas o mais acertado, pensou, seria metê-la num colégio interno, onde a educariam. Ele não tinha pais nem filhos, espôsa ou irmãos e o que possuía chegava bem para éle. Sobrava até e era êsse acréscimo que éle ia repartir. E pensava também no seu lar tão vazio; sem um carinho, sem um afecto. Só alla noute conseguiu adormecer.

No dia seguinte Leonor, assim se chamava a garota, já estava lavadinha e com um fatinho que uma das criadas lhe tinha arranjado. O fidalgo viu-a e confrangeu-se: A miséria e os maus tratos tinham deformado aquele serzinho pequeno e débil. Decididamente a Providência galhofava com éle: quando lhe era mister uma mulher perfeita, surgia-lhe uma criança, e, em vez duma criatura delicada e fina, surgia-lhe uma guardadora de cabras, de uma aspereza montezina.

Passada uma semana partiu para o colégio, e no rosto de Leonor agora já se não percebia tanto os vestígios da miséria, havia como que uma vaga reminiscência de beleza que parecia renascer.

Leonor escrevia, de quando em quando, ao seu protector, primeiramente numa letra quasi incompreensível, que, a pouco e pouco, se foi aperfeiçoando até se tornar miuda e fina, e Nuno apreciava muito as suas cartinhas. No mês em que ela





fazia 16 anos, e já três eram passados desde a sua entrada no colégio, Nuno resolveu-se a ir visitar a Pupila e levar-lhe uma lembrança para o que convidou também o bom padre José.

Mas, antes de partir, estava pondo uma correspondência em ordem, quando uma voz muito fina se fez ouvir:

— «Dá licença?»

Nuno voltou-se e soltou um grito de espanto:

— «Leonor!»

E de facto era ela; mas outra Leonor muito diferente, formosa como um sol, e que voou para ele como uma andorinha, a estreitar-lhe as mãos, numa expressão de alegria infantil.

Estava pasmado! E só quando a professora de Leonor, que a acompanhava, arquejando de calor e cansaço, entrou, é que explodiu ruidosamente: — «Mas está uma mulher e que linda!»

Leonor baixou os olhos, muito corada, numa confusão que a fazia ainda mais bonita.

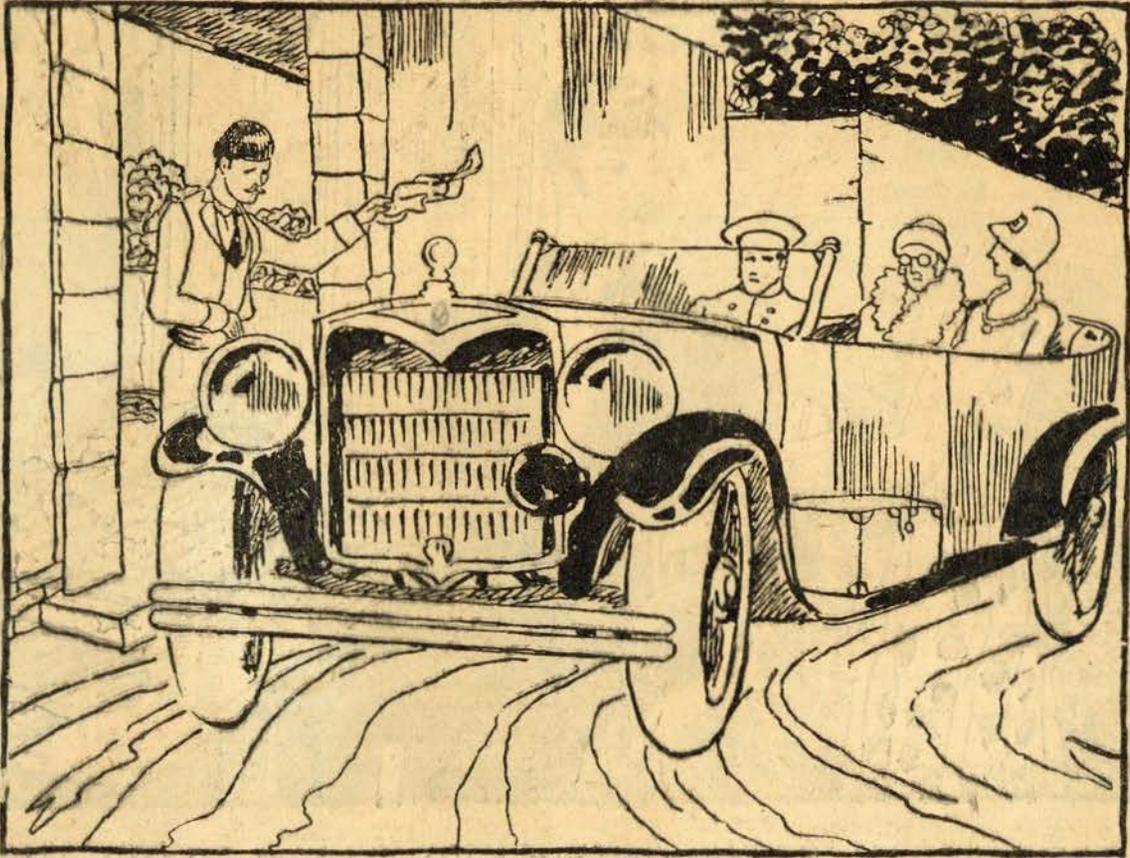
Na verdade estava um amor. O rostinho amelinado e fresco, como a beleza delicada das mulheres louras. Nuno não se fartava de a contemplar, e bemdizia a protecção que tinha concedido à pobre órfã e a que se devia tal transformação. Ao fim de oito dias, Leonor não pensava ainda em retirar-se. Também ela achava um novo encanto na vida que levava, nos longos passeios que dava com o seu protector.

Mas a professora, que tinha de retirar-se, disse, uma tarde ao jantar, que era necessário ir arranjando as malas, pois tinham de partir. Que dece-

ção se espalhou no rosto de ambos! Tinham-se esquecido que era forçoso de novo separarem-se!

E mais uma noite Nuno não dormiu. Como arranjar de fôrma a que Leonor não partisse?! Sentia bem que lhe custaria a suportar a sua ausência, porque o seu coração vasio de afectos dedicara-se-lhe com ternura. Queria dizer-lho, mas ela ia talvez rir-se dele, muito mais velho, e a quem estimaria como pai. Era preciso pois que ela partisse, e, fingindo não reparar no rosto triste de Leonor, marcou-se a partida para a segunda-feira próxima. Nesse dia o almoço foi triste e o jantar soturno. Quando, pela tarde, o criado veio dizer que o carro estava pronto, Leonor sorriu pàlidamente para Nuno que acendia o seu cigarro triste também.

Passaram mais dois meses. E, dia a dia, Nuno sentia avivar-se a saudade que tinha de Leonor. Estava resolvido:—ia escrever a dizer-lhe tudo, a saber se ela queria ser a sua mulherzinha, a sua companheira de tódos os dias. E fê-lo, contando pormenorizadamente a história do seu amor. Quizera ter-lho comunicado antes da sua partida mas hesitara, dada a sua diferença de idades. Que lhe responderia ela? Fôsse sincera era o que lhe pedia e lon-



gos dias aguardou resposta. Quando esta chegou, hesitou antes de abrir. Resolveu-se e leu: «Pois não adivinhou ainda o muito que lhe quero? Devo-lhe a si, à sua protecção, o ser hoje alguma coisa. Sem si, o que seria eu? Mas não é a gratidão

que me leva, creia, a dar-lhe esta resposta». Em breve Leonor voltou. E na quinta de Monte-Belo, um ano passado sobre o casamento, nascia um lindo bebé, com que Deus abençoava tão feliz união.

F I M

UMA ANEDOCTA

Por CARFLÓFER

Contou-ma, há já muitos anos,
o próprio João de Deus;
sátira sua aos tiranos
dalguns mestres fariseus.

■

Não sei se a esta anedota
referência alguém já fez;
mas o facto não denota
que não se conte outra vez.

■

De crianças era um mestre
nuvem negra, o seu terror:

no trato, bicho silvestre,
na voz, segundo Stentor.

Uma tarde, estava dando
— sem atenção despertar —
noções do «Génesis», quando
trovejou do seu lugar:

— «O menino aí do fundo
distráido sempre está!
Chegue aqui!... Quem fez o mundo?
Vamos! quem foi? diga lá...

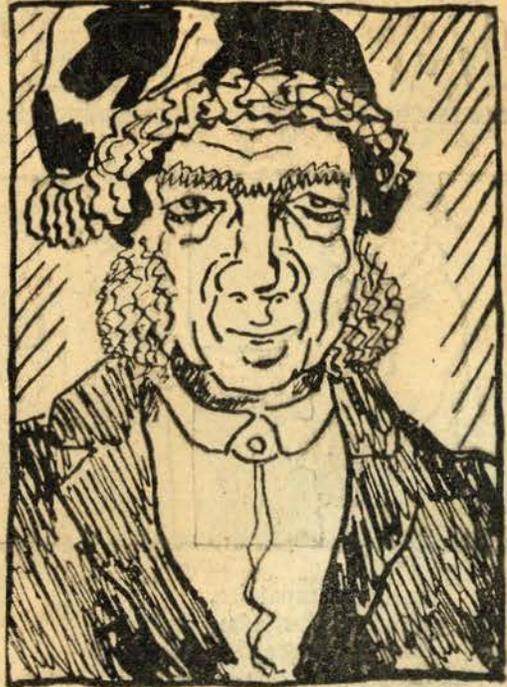
Que havia partida grossa
O petiz só percebeu.
E, vendo imminente a coça:
— «Não me bata... não fui eu!»

HORA DE RECREIO

ADIVINHA

Colocar nos pontos respectivos letras e formar nomes de homens.

Jose	Mário	Filipe
Antônio	Caetano	Castelo
Joaquim	Augusto	Fernando
Moisés	Américo	Alfredo
João	Miguel	Rui
Isaac	Francisco	Pedro
Fredrico	Luiz	



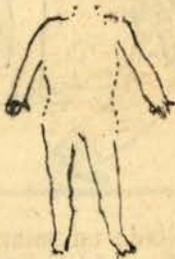
ADIVINHAS

Qual é o monte ou montes de África cujo nome é o de uma marca de calçado? *Atlas*
 Qual é a ilha da Europa que mudando o E fica com o nome dum peixe? *Sardenha*
 Qual é o oceano que não é barulhento? *Pacífico*
 Qual é o monte da Ásia que tem um nome de mulher?
 Qual é a serra espanhola que tem sempre neve? *Snevada*
 Qual é a terra da América com o nome duma marca de gramofone? *Remington*
 Qual é o país da América cujo nome é duma ave? *Pom* brincho deste saloio.

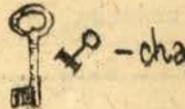
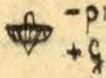
MEUS MENINOS

Vejam se descobrem onde se encontra o so-

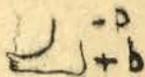
ENIGMA PITORESCO



a 100



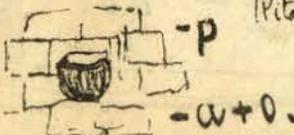
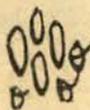
4 ^m + s!



AMERIC
(Pitaismas)

~ Ã

B

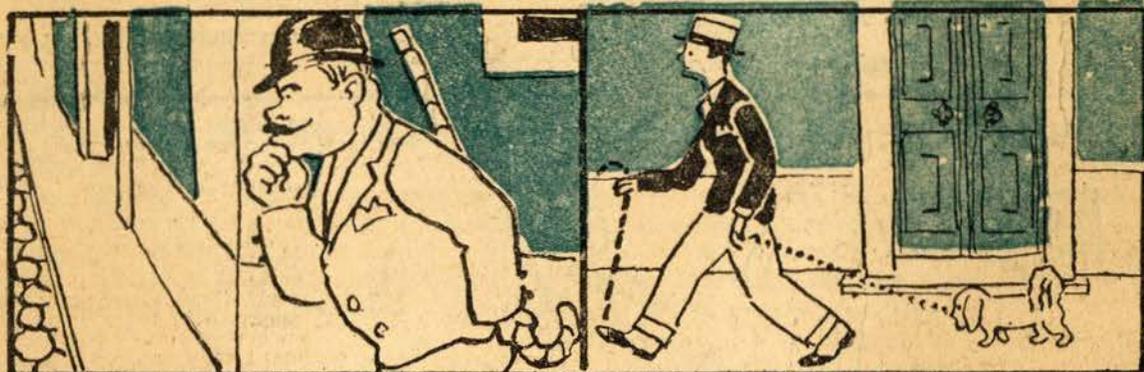


UM VERDADEIRO CÃO



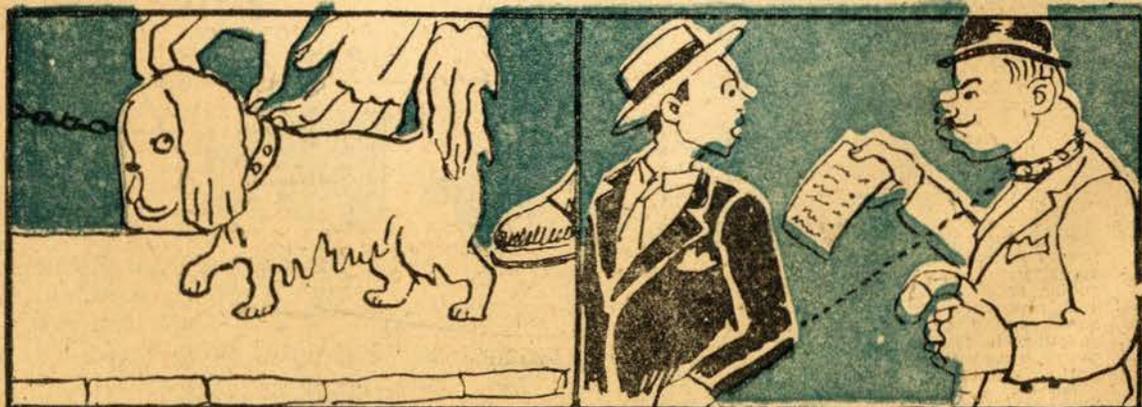
Anastácio, sapateiro, procura o Marquês de Gonta, que era um grande caloteiro, e apresenta a sua conta...

Era a conta do calçado que ele trazia nos pés, da mulher e do criado, da criada e dos bebés.



Tendo-lhe dito a sopeira haver saído o patrão, foi-se esconder numa umbreira Anastácio espertalhão.

Passado um minuto e meio o Marquês de Gonta sai levando a um curto passeio o seu cãozinho Xangai.



Mal o vê no seu caminho, Anastácio, em alvoroço, tira a coleira ao cãozinho, e coloca-a no pescoço.

Mas, nisto, o Marquês de Gonta olha-o com indignação; Anastácio mostra a conta e diz: — «cá vai o seu cão!»